**SEGUNDA CHAMADA INCLUI DEPOIMENTOS REAIS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO E COMBATE AO RACISMO [[1]](#footnote-1)**

**Aurora Almeida de Miranda Leão[[2]](#footnote-2)**

**Introdução**

O magistério é o grande esteio na vida de uma professor: ensinar está na sua alma, como afirma à terapeuta no capítulo inaugural de *Segunda chamada*. Ela leciona numa escola pública da periferia de São Paulo e depara-se com problemas, perceptíveis a partir do edifício da instituição: as paredes estão sujas, pichadas, tem infiltração, tudo aponta para um descaso social, sem nenhum sinal de manutenção. Os banheiros não tem higiene, o pátio precisa de urgentes reparos, e a isso se somam brigas constantes entre os alunos, além do drama diário da evasão escolar. A escola tem sugestivo nome, que homenageia a pioneira Carolina Maria de Jesus, a primeira escritora negra do país a ter livro publicado.

Esses são dados sobre a minissérie,tema de nossa reflexão,uma produção da O2 Filmes, do cineasta Fernando Meirelles, exibida pela TV Globo de 08 de outubro a 17 de dezembro de 2019. Escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini, com direção de Joana Jabace, tem no elenco Débora Bloch, Thalita Carauta, Paulo Gorgulho, Hermila Guedes, Silvio Guindane e Teca Pereira.

Talvez até possamos dizer que trata-se de obra feminista de raiz, a partir desse naipe de profissionais, prioritariamente feminino, além de as personagens mais fortes serem mulheres e os temas destacados serem pautas caras ao feminismo. Ancorada no realismo, a produção adotou como *set* um prédio abandonado da periferia de São Paulo: a Escola do Jockey Club, que abrigou o Colégio Equipe no passado. Assim, partimos da pergunta “Como a série prioriza um discurso em defesa da educação pública e como promove dialogia com pautas feministas que o precedem?” para entender como foi construída a narrativa. Para tanto, a análise tem como esteio a metodologia proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013).

**Ficção de base documental amplia percepção do público**

Nosso objetivo é apontar aspectos relevantes da obra em análise, que destaca em sua diegese temáticas de forte apelo social, de suma importância na ordem do dia, inseridas num contexto sociocultural muito adverso às demandas identitárias das chamadas minorias, conforme vem-se constatando no país desde os embates de junho de 2013, acirrados a partir da eleição de 2018. Cabe lembrar que a teleficção seriada brasileira há muito configura-se como espaço de reflexão sobre temas sociais, como bem esclarece Immacolata Vassalo de Lopes (2003):

Na contemporaneidade, a telenovela constitui-se no produto cultural brasileiro mais consumido e o de maior popularidade, tendo se transformado, ao longo de mais de cinco décadas da existência da televisão no país, em um dos elementos mais distintivos da cultura, e, provavelmente, o que melhor caracteriza uma densa e compartilhada “narrativa da nação” (LOPES, 2003, 2009).

Levando em conta que “as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos” (MOTTA, 2013, p.121), acreditamos que sublinhar a negligência com o ensino público e com a educação de idosos, o descaso com a periferia, a indiferença social com negros e pobres, a opressão física e moral às mulheres, a dificuldade de inserção dos transgêneros na vida social, a prostituição, o aborto, o tráfico de drogas, a sexualidade e o direito de amamentar, numa narrativa de viés popular como esta que estudamos, garante um espaço privilegiado de reflexão sobre o contexto brasileiro atual.

Assim como a telenovela, que “passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais” (LOPES, 2009, p. 06), as minisséries muitas vezes seguem esse caminho, como é o caso de *Segunda chamada.* A série faz parte de estratégia da TV Globo, que erigiu três temáticas como prioritárias: a saúde, a violência e a educação. Cada uma ganhou obra específica: *Sob pressão*, *Carcereiros* e *Segunda chamada*. A série foi tão bem recebida que já está acertada uma segunda temporada, que seria exibida neste 2020, porém teve de ser adiada por conta da pandemia, que retardou as gravações.

Por questão de espaço e tempo, tomamos apenas duas cenas da série para análise. Vamos a elas no próximo tópico.

***Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro[[3]](#footnote-3)***

O universo diegético de *Segunda chamada* destaca aulas noturnas que acontecem no âmbito da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Os personagens dividem-se entre um grupo de cinco professores - Jaci (Paulo Gorgulho), que também dirige a escola; Lúcia (Debora Bloch), Sônia (Hermila Guedes), Eliete (Thalita Carauta) e Marco André (Silvio Guindane) -, e alunos que tentam nova chance para concluir os estudos. Além de mostrar as muitas dificuldades atravessadas por todos, mestres e estudantes, a série também traz histórias de superação. Teve enorme aceitação de público e crítica[[4]](#footnote-4). É de fato uma realização exponencial com nível de qualidade impressionante e farta dialogia com o real. E o que mais chama atenção é a forma como a direção escolheu contar essa história. Segundo a diretora Joana Jabace, a aposta foi no realismo, tanto na interpretação, como na inclusão de depoimentos reais de pessoas que também tentaram nova oportunidade de ensino. Ela conta que a ideia surgiu quando trabalhou com cineastas como Eduardo Escorel, Eduardo Coutinho e João Moreira Salles, e sentiu que colocar alguma coisa semelhante ao docudrama[[5]](#footnote-5) elevaria o nível de ancoragem no real que ela e as autoras buscavam para a série. Os depoimentos são inseridos ao final de cada episódio, ficando entre 2 e 3 minutos, e tiveram aprovação de público e crítica especializada: Segunda chamada foi vencedora em duas categorias na premiação anual da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 2019. Os prêmios foram os de “Melhor Série/Minissérie – Televisão” e “Melhor Atriz – Televisão”, que ficou com a protagonista Débora Bloch. As cenas escolhidas são do primeiro e quinto capítulos. Na primeira, a personagem transgênero Natasha (Linn da Quebrada) é impedida de usar o banheiro feminino e sofre preconceito da colega Jurema (Teca Pereira). Jurema é a aluna mais velha da escola, negra, sofrida, e enfrenta enorme dificuldade para frequentar as aulas. Interessante é que, minutos depois, ela também é vítima de preconceito e não consegue arrumar quem divida um lugar na mesa do recreio com ela. Aí é Natasha quem a acolhe. A outra cena mostra a evangélica Márcia (Sara Antunes) amamentando a filha. Nesse momento, ela é sexualmente assediada pelos colegas homens, que embora não a toquem, fazem comentários a respeito de seus seios. Enquanto isso, mesmo tomando sua defesa, o companheiro Pedro (Vinícius de Oliveira) também tem atitude machista ao reprimi-la, dizendo que ela não deveria expor o corpo em público. São então as colegas que saem em defesa dela e expõem os seios na sala de aula. A professora **Lúcia (Débora Bloch),** em belo ato de sororidade, também defende a aluna.

**Considerações finais**

É preciso levar em conta quando falamos em teleficção que há mais de meio século a TV integra nossa realidade histórica, portanto, grande parte de nossa memória social recente nos chega através dela, seja pelos muitos programas do telejornalismo, seja pelos anúncios publicitários, pelos programas de entretenimento, pelos destaques do esporte ou pelas obras ficcionais. Ao colocar a problemática do ensino público em uma minissérie, a emissora líder em teledramaturgia confirma sua deliberada atuação em defesa de causas nobres (como o são as outras duas de que falamos acima, saúde e segurança), sem abrir mão da qualidade que lhe é característica e elevando o nível de significação proposto pelo texto.

Como bem diz Immacolata (2010), “Histórias narradas pela televisão são, antes de tudo, importantes pelo seu significado cultural”. Assim sendo, *Segunda chamada* é mais uma obra a merecer aplausos pela relevância das temáticas abordadas e, sobretudo, pelo modo como essas questões são traduzidas no discurso audiovisual. A grandeza da obra se reitera também por reafirmar o lugar de destaque da teleficção no debate de causas sociais, extrapolando o contexto ficcional e incluindo cânones do documentário em sua dramaturgia.

**Palavras-chave**: teledramaturgia; segunda chamada; narrativa; educação; feminismo.

**Referências**

BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV**: sedução e sonhos em doses homeopáticas. São Paulo: EdUSP, 2002.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. In: **Revista** **ALCEU.** Disponível em <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Lopes.pdf>. Acesso em 15 nov 2020.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério***.* São Paulo: Ed SENAC, 2000.  
MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito; Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em Vídeo Digital**: Uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise crítica da narrativa**. Brasília: UNB, 2013.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão***.* São Paulo: Perspectiva, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?.** São Paulo: Editora Senac, 2008, v.1.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 19: Estéticas da Comunicação: Linguagens e Artes do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutoranda da UFJF, integrante do Grupo de Pesquisa Narrativas e Dialogias (CNPq) e bolsista Fapemig. E-mail: auroraleao@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Versos da música *Sujeito de sorte*, do compositor cearense Belchior, que é um dos temas musicais recorrentes na trilha sonora da minissérie *Segunda chamada*. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ver repercussão da obra na matéria Segunda Chamada: sucesso de audiência antecipa nova temporada. Disponível em <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/segunda-chamada-sucesso-de-audiencia-antecipa-nova-temporada>. Acesso em 16 nov 2020. [↑](#footnote-ref-4)
5. Docudrama designa em geral uma obra televisiva com narrativa baseada em fatos reais. Trata-se de um estilo de documentário que apresenta de forma dramática a reconstituição de fatos, utilizando-se atores para isso. [↑](#footnote-ref-5)